LUMEN ET VIRTUS
ISSN: 2177-2789

ESPERANÇA E PSICOPOLÍTICA EM SUPERMAN (2025): UMA ANÁLISE À LUZ DAS CATEGORIAS DE BYUNG-CHUL HAN

HOPE AND PSYCHOPOLITICS IN SUPERMAN (2025): AN ANALYSIS IN LIGHT OF BYUNG-CHUL HAN'S CATEGORIES

ESPERANZA Y PSICOPOLÍTICA EN SUPERMAN (2025): UN ANÁLISIS A LA LUZ DE LAS CATEGORÍAS DE BYUNG-CHUL HAN

https://doi.org/10.56238/levv16n50-100

Data de submissão: 01/07/2025 **Data de publicação:** 31/07/2025

Gustavo Simas da Silva
Mestre e Doutorando em Engenharia, Gestão e Mídia do Conhecimento
Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
E-mail: gustavosimassilva@gmail.com

RESUMO

Superman (2025) reinscreve o signo "esperança" ao mesmo tempo como gesto ético-contradispositivo e como commodity afetiva da nova fase da DC nos cinemas. Podemos analisar a produção tomando por eixo teórico as críticas de Byung-Chul Han à sociedade do desempenho, à infocracia e à psicopolítica. A pesquisa emprega método multi-paratextual qualitativo: examinou-se o filme, materiais promocionais, críticas de imprensa, declarações de estúdio, dados de bilheteria e depoimentos de fãs, codificados em oito categorias (temporalidade, alteridade, opacidade, negatividade, positividade mercadológica, desempenho, ritual, fandom). Os achados mostram ambivalência estrutural: na diegese, a esperança surge como força relacional — herói-imigrante, ecossistema diverso de meta-humanos, dilemas morais e falibilidade que reintroduzem negatividade fecunda e espírito comunitário, contrariando o cinismo vigente; simultaneamente, a mesma semântica de "heart/hope/humanity" é instrumentalizada pelo marketing ("olhe para cima") para reativar a marca, fidelizar dados emocionais do público e render US$ 122 milhões na estreia, confirmando a captura psicopolítica dos afetos. A recepção crítica e fandom oscila entre louvar a sinceridade "hopepunk" e criticar a sobrecarga de produtos intelectuais e a performatividade motivacional, evidenciando que a esperança permanece em tensão entre potência transformadora e neutralização mercantil. Conclui-se que Superman (2025) funciona como laboratório contemporâneo da dialética haniana: só preservará seu impacto se continuar a cultivar negatividade e alteridade antes de se converter em mero slogan para entretenimento bem-estar.

Palavras-chave: Superman. Esperança. Byung-Chul Han. Psicopolítica. Super-heróis. Cultura Pop.

ABSTRACT

Superman (2025) reinscribes the sign of "hope" simultaneously as an ethical-counterdispositive gesture and as an affective commodity of DC's new phase in cinemas. We can analyze the production using Byung-Chul Han's critiques of the performance society, infocracy, and psychopolitics as its theoretical framework. The research employs a qualitative, multi-paratextual method: the film, promotional materials, press reviews, studio statements, box office data, and fan testimonies were examined, coded into eight categories (temporality, otherness, opacity, negativity, market positivity, performance, ritual, fandom). The findings reveal structural ambivalence: in the diegesis, hope

emerges as a relational force—the immigrant hero, a diverse ecosystem of metahumans, moral dilemmas, and fallibility that reintroduce fertile negativity and community spirit, countering prevailing cynicism; Simultaneously, the same semantics of "heart/hope/humanity" are instrumentalized by marketing ("look up") to reactivate the brand, build audience loyalty, and generate US$122 million in its opening weekend, confirming the psychopolitical capture of emotions. Critical and fandom reception oscillates between praising "hopepunk" sincerity and criticizing the overload of intellectual products and motivational performativity, highlighting that hope remains in tension between transformative power and mercantile neutralization. It is concluded that Superman (2025) functions as a contemporary laboratory for Hanian dialectics: it will only maintain its impact if it continues to cultivate negativity and otherness before becoming a mere slogan for feel-good entertainment.

Keywords: Superman. Hope. Byung-Chul Han. Psychopolitics. Superheroes. Pop Culture.

RESUMEN

Superman (2025) reinscribe el signo de la "esperanza" simultáneamente como un gesto ético-contradispositivo y como un producto afectivo de la nueva fase de DC en el cine. Podemos analizar la producción utilizando las críticas de Byung-Chul Han a la sociedad de la performance, la infocracia y la psicopolítica como marco teórico. La investigación emplea un método cualitativo multiparatextual: se examinaron la película, los materiales promocionales, las reseñas de prensa, los comunicados de los estudios, los datos de taquilla y los testimonios de los fans, codificados en ocho categorías (temporalidad, alteridad, opacidad, negatividad, positividad del mercado, performance, ritual, fandom). Los hallazgos revelan una ambivalencia estructural: en la diégesis, la esperanza emerge como una fuerza relacional: el héroe inmigrante, un ecosistema diverso de metahumanos, dilemas morales y falibilidad que reintroducen una negatividad fértil y un espíritu comunitario, contrarrestando el cinismo imperante; Simultáneamente, la misma semántica de "corazón/esperanza/humanidad" es instrumentalizada por el marketing ("mirar hacia arriba") para reactivar la marca, fidelizar a la audiencia y generar 122 millones de dólares en su fin de semana de estreno, lo que confirma la captura psicopolítica de las emociones. La recepción de la crítica y del fandom oscila entre elogiar la sinceridad "hopepunk" y criticar la sobrecarga de productos intelectuales y la performatividad motivacional, destacando que la esperanza se mantiene en tensión entre el poder transformador y la neutralización mercantil. Se concluye que Superman (2025) funciona como un laboratorio contemporáneo para la dialéctica haniana: solo mantendrá su impacto si continúa cultivando la negatividad y la alteridad antes de convertirse en un mero eslogan de entretenimiento para sentirse bien.

Palabras clave: Superman. Esperanza. Byung-Chul Han. Psicopolítica. Superhéroes. Cultura Pop.

1 INTRODUÇÃO

A retomada de Superman (2025), dirigida por James Gunn, inaugura um novo ciclo para o universo cinematográfico da DC num cenário de "correção de rumo" tonal: depois de encarnações marcadas por gravidade sombria e recepção fragmentada, emerge uma demanda cultural por reconexão com a dimensão luminosa e inspiradora do herói; o "S" consagrado como signo diegético de "esperança". Esse horizonte simbólico abre espaço para interrogar o retorno de um *ethos* otimista e as condições socioculturais que fazem dessa reinstalação um acontecimento significativo. A esperança, além de atributo narrativo, aparece como promessa de reencantamento comunitário, um possível antídoto ao cansaço e ao cinismo contemporâneos.

No entanto, a categoria "esperança" em contexto midiático industrial demanda exame crítico diante de diagnósticos filosóficos, como os de Byung-Chul Han. Para Han, a esperança autêntica implica "um movimento de busca", se dirige ao "não nascido e põe-se a caminho do novo, do completamente diferente, do nunca sido" (Han, 2024), um gesto de abertura que excede a mera autossugestão motivacional. Esse movimento se torna necessário frente a um mundo que se tornou "pobre em negatividade" e dominado por "excesso de positividade" (estado psíquico que esvazia fricções e dilui alteridade). A positividade hipertrofiada converte fracasso, limite e alteridade – nutrientes da esperança relacional – em ruídos a eliminar, produzindo sujeitos performativos isolados; o "cansaço da sociedade do desempenho" é um cansaço "solitário", que individualiza e isola (Han, 2015). Como afirma Cunha (2025), "a esperança haniana é um 'apesar de' que modula a existência". Nesse ambiente, narrativas audiovisuais de esperança podem tanto reinstalar negatividade produtiva (limites, vulnerabilidade, alteridade) quanto ser reabsorvidas como reembalagens dopaminérgicas de conforto.

Simultaneamente, Han delineia a transição para uma fase psicopolítica em que liberdade, emoção e comunicação tornam-se vetores de exploração sofisticada – o neoliberalismo explora precisamente esses elementos imateriais, transformando afetos em recursos de controle difuso. A "liberdade paradoxal" descreve a coincidência entre autonomia subjetiva e auto-coerção otimizada, onde "a queda da instância dominadora" (Han, 2015) não conduz à emancipação, mas a novas formas internalizadas de exploração, em que o próprio explorador é simultaneamente explorado. Acresce que a era da psicopolítica digital ativa mecanismos de direcionamento fino de comportamento, enquanto Big Data tende a converter o futuro em campo calculável, reduzindo a negatividade inerente à decisão livre e antecipando expectativas afetivas do público (Melo, 2020; Han, 2024). Desse modo, a mesma campanha que promete "restaurar a esperança" pode operar como engenharia preditiva de engajamento, modulando antecipadamente recepção e consumo.

Situada nesse quadro teórico, a lacuna acadêmica torna-se evidente: as críticas de Han à positividade, à psicopolítica dos afetos e à erosão da negatividade ainda não foram sistematicamente

aplicadas ao estudo da esperança super-heroica enquanto fenômeno semiótico-industrial. A figura de Superman oferece um laboratório privilegiado para testar se a esperança encenada funciona como contradispositivo (reabrindo espaço para alteridade, temporalidade não acelerada, comunidade) ou se se deixa capturar como *commodity* emocional alinhada à autoexploração performativa.

Diante disso, formula-se a pergunta central que orienta este estudo: Em Superman (2025), em que medida a representação da esperança opera como contradispositivo frente à sociedade da positividade – reintroduzindo negatividade fecunda, vínculo e alteridade – ou, ao contrário, é reabsorvida como produto psicopolítico de *branding* afetivo dentro da economia de dados e desempenho? Nas seções seguintes apresentamos o referencial, explicitamos a metodologia multi-paratextual e desenvolvemos a análise que busca responder a essa questão, articulando dialeticamente salto transformador e mercantilização afetiva.

2 ESPERANÇA: ENTRE A ABERTURA RELACIONAL E A POSITIVIDADE AUTOAFIRMATIVA

Tomamos como ponto de partida a definição inaugural de Gabriel Marcel da esperança como impulso: “A esperança é um elã, um salto” – formulação que acentua seu caráter de transgressão e de abertura a um porvir não completamente calculável, epígrafe que Han utiliza para antecipar a tensão entre indeterminação e captura. Essa perspectiva associa a esperança genuína à reinstalação de uma dimensão de alteridade e de excedente que escapa à autossuficiência do ego. Ela só se produz plenamente num ambiente em que subsiste “negatividade” – fricção, limite, diferença – condição que, segundo Han, a sociedade contemporânea tende a erodir, tornando-se “pobre em negatividade” e dominada por “excesso de positividade” (Han, 2024). Quando a positividade hipertrofiada converte toda experiência em performance motivacional contínua, o sujeito se enclausura em ciclos de autoafirmação produtiva, perdendo o vínculo dialógico que sustenta a esperança relacional; o resultado é um “cansaço” que se manifesta como experiência de isolamento.

Desse contraste extraímos a distinção operacional: esperança relacional = abertura à alteridade, temporalidade não totalmente previsível, vulnerabilidade compartilhada; positividade autoafirmativa = reforço de si, eliminação de ruído negativo, *slogan* performativo.

Aplicada ao caso Superman, a questão não é se o filme é “otimista”, mas se reinscreve negatividade fecunda (falha, dilema, alteridade) ou apenas estetiza um conforto motivacional já antecipado pelos circuitos de consumo afetivo.

Categorias de Han aplicadas ao caso: positividade, psicopolítica, alteridade, ritual e transparência

Byung-Chul Han diagnostica a contemporaneidade como marcada por novos modos de poder e pela erosão de experiências humanas fundamentais. Alguns conceitos de sua obra são especialmente pertinentes para ler criticamente a esperança em *Superman*:

- **Sociedade da positividade:** Vivemos sob o imperativo do desempenho e da afirmação contínua, onde qualquer negatividade (falha, dor, dúvida) é evitada ou expulsa (Han, 2015). Han nota que essa cultura da positividade produz *burnout* e vacuidade – uma ditadura do "sim" em que até mesmo ideias de esperança podem ser cooptadas como simples *slogans* motivacionais. Avaliar *Superman* (2025) sob esse ângulo significa verificar se o filme apenas reforça uma mensagem confortável de autoafirmação ("acredite em si mesmo e tudo dará certo") – alinhada à ideologia da positividade – ou se ele reintroduz *negatividade* no sentido haniano, isto é, elementos de conflito, limite e alteridade que instigam reflexão crítica (Domecq, 2020).
- **Psicopolítica:** Han (2019) descreve uma nova forma de dominação no neoliberalismo tardio, na qual o poder não opera mais principalmente pela repressão, mas pela sedução psicológica e pelo controle interiorizado das subjetividades. A *psicopolítica* atua estimulando os indivíduos a se engajarem voluntariamente, a se auto-otimizarem e se submeterem a um regime de desempenho contínuo, muitas vezes por meio de tecnologia e Big Data, isto é, numa infocracia (Han, 2022). Aplicada ao nosso objeto, essa perspectiva examina como a noção de "esperança" pode estar sendo utilizada como instrumento psicopolítico: por exemplo, a narrativa esperançosa do filme poderia funcionar como uma forma de engajamento afetivo do público, um apelo para que a audiência "acredite" e se entusiasme – algo positivo em aparência, mas que simultaneamente reforça a sujeição voluntária à franquia e ao consumo associado. Em termos concretos, *slogans* como "Superman nos faz acreditar de novo [...]" (Maidana, 2025) podem ser vistos como dispositivos psicopolíticos para reativar a lealdade do fã e a confiança na marca DC.
- **Alteridade:** Um dos alertas de Han é sobre a "expulsão do outro" na sociedade contemporânea – a tendência de eliminar a alteridade em prol de uma homogeneidade confortável. A falta de relação autêntica com o outro e a erosão do "espírito comunitário" são, segundo ele, fatores que minam a esperança real (Han, 2017). Portanto, investigar a alteridade em *Superman* (2025) envolve observar se o filme reintroduz o valor do **outro** (por exemplo, ao dar voz a personagens diversos, ao enfatizar empatia e cooperação) ou se tudo se reduz novamente à celebração do mesmo herói onipotente. Han sugere que só há esperança na abertura ao diferente – logo, o grau em que *Superman* (2025) incorpora personagens de origens distintas, perspectivas variadas e valorização da diferença indicará se o signo esperança ali funciona como contradispositivo contra a mesmice.

- **Ritual:** Em *O Desaparecimento dos Rituais* (2020), Han lamenta como a modernidade dissolveu rituais coletivos que davam sentido compartilhado à vida, substituindo-os por consumos efêmeros. Os filmes de super-herói, porém, têm sido interpretados por alguns autores como novos "mitos" ou eventos coletivos – sessões de cinema cheias de fãs, estreias globais – que poderiam quase funcionar como rituais se proporcionarem catarse e reafirmação de valores comunitários (Tripp, 2025; Rensburg, 2021). A questão aqui é dupla: *Superman* (2025) recupera algum senso de ritualidade (por exemplo, remetendo a tradições do personagem, usando símbolos como a música clássica de John Williams que evocam memória coletiva do herói) ou ele se insere na lógica acelerada da hipermercantilização sem espaço para contemplação? A fala do ator Wendell Pierce, que interpreta Perry White, é elucidativa: ele argumenta que filmes de super-herói oferecem um momento de comunhão no qual "decidimos coletivamente quais são nossos valores […] para então sair do cinema e agir conforme eles" (Pierce, 2025). Isso sugere que *Superman* (2025) tenta se posicionar como um **ritual contemporâneo de esperança coletiva**, embora possamos questionar até que ponto isso é espontâneo ou fabricado.
- **Transparência:** Por fim, Han critica a *sociedade da transparência*, caracterizada pela ausência de mistério, pela exposição total e vigilância, o que paradoxalmente gera desconfiança generalizada. Tudo precisa ser evidente, explícito, positivo – não há espaço para ambiguidades ou segredos (Han, 2017). Nesse sentido, analisar a transparência no filme significa olhar para sua estética e narrativa: ele simplifica e torna tudo *mastigado* para o público (excessiva exposição, mensagens unidimensionais) ou permite camadas de significado, interpretações abertas e zonas de sombra? Han afirma que uma sociedade de transparência é uma sociedade de controle e suspeita, onde a confiança espontânea desaparece. Traduzido para a narrativa fílmica, podemos perguntar se *Superman* (2025) confia na inteligência emocional do espectador (permitindo alguma complexidade – por exemplo, dilemas não inteiramente resolvidos) ou se procura controlar estritamente a reação do público por meio de uma trama totalmente transparente, calculada para não gerar incômodo nem perguntas difíceis. A tensão entre entregar uma mensagem de esperança inspiradora e, simultaneamente, produzir um *blockbuster* fácil de digerir ilustra bem o dilema da transparência.

Percebe-se que os conceitos de Han fornecem um ferramental crítico para dissecar a ambivalência do signo esperança em *Superman* (2025). Essa esperança em tela é verdadeiramente negativa (abrindo a novos vínculos, novas questões) ou hiperpositiva (apenas reafirmando o que já sabemos e queremos ouvir)? Há elementos de alteridade real ou tudo é assimilado ao mesmo? O filme

convida a uma experiência quase ritual de resgate de valores ou apenas mais um produto transparente de entretenimento?

3 SUPERMAN (2025) NA CRÍTICA E RECEPÇÃO INICIAL: "HEART", "HOPE" E REPOSICIONAMENTO TONAL

Ainda antes e durante seu lançamento, *Superman* (2025) foi cercado por um discurso de retorno às raízes otimistas do herói. Críticos e comentaristas frequentemente usaram termos como "coração", "esperança" e "humanidade" para descrever o filme, sinalizando uma mudança de tom deliberada (Coletti, 2025). Por exemplo, a resenha de Srabana Aich (2025) intitulada *"Superman (2025) is a hopeful return to form with heart and humor"* já resume a impressão geral de que o filme representa uma volta esperançosa à forma clássica do personagem, com mais coração e leveza. David Chen (2025), escrevendo no *Decoding Everything*, afirmou que a maior conquista do filme foi "restaurar o coração e a humanidade de um dos mais amados e icônicos super-heróis", contrastando diretamente com a abordagem anterior de Zack Snyder que, segundo ele, "mergulhou o Superman em uma sisudez carrancuda e autocentrada". Da mesma forma, sites voltados à cultura *geek* celebraram o longa como "um farol brilhante de esperança" e elogiaram Gunn por trazer de volta a essência otimista do personagem.

Essa recepção inicial enfatiza que *Superman* (2025) **reposiciona tonalmente** o herói. Onde antes havia melancolia e "*grimdark*", agora há cores vibrantes, humor e calor humano. O crítico Hunter Friesen (2025) observou que o filme de Gunn surge explicitamente como um "*ultimate course correction*" ("correção de curso final") do Universo DC – logo na abertura percebe-se esta "correção de rumo", com logos de estúdio em fundo claro, uma animação alegre do Superman e até uma pitada nostálgica do tema clássico de John Williams, sinalizando a direção esperançosa. As primeiras reações do público também refletiram essa satisfação: muitos fãs descreveram o filme como exatamente o que esperavam de um *Superman*, "trazendo de volta o herói que nos faz acreditar" e fornecendo um alívio positivo após anos de tom sombrio nos filmes da DC. Termos como *"shot of hope"* (injeção de esperança) (Chaffins, 2025) e *"restores hope to the DCU"* (Tajipour, 2025) tornaram-se recorrentes nos artigos e posts, indicando que a campanha de reposicionamento – centrada na ideia de esperança e otimismo – foi bem-sucedida em moldar a narrativa em torno do filme.

4 METODOLOGIA

Para investigar a pergunta de pesquisa, adotou-se um método multi-paratextual de cunho qualitativo. O *corpus* da pesquisa abrangeu múltiplos paratextos em torno de *Superman* (2025), incluindo: a obra fílmica em si (seu enredo, temas, diálogos-chave), materiais promocionais (teasers, entrevistas e declarações de diretores/atores), críticas publicadas em veículos de mídia especializados

e tradicionais, comentários de espectadores em fóruns online e redes sociais, bem como dados de desempenho de bilheteria e índices de recepção (ex.: *Rotten Tomatoes*, *CinemaScore*). Essa diversidade de fontes permite triangulação e confronto de perspectivas – captando tanto o discurso "oficial" e crítico quanto a voz do público.

As críticas e notícias foram selecionadas buscando-se menções explícitas a "hope/esperança", "heart/coração", "tonalidade" e termos correlatos, a fim de identificar recorrências na caracterização do filme. Foram incluídos artigos de portais internacionais (ex.: Associated Press, AP News, e blogs como *Decoding Everything*, *WinterIsComing*, *Nerdtropolis*), privilegiando uma janela temporal inicial – ou seja, reações publicadas nas primeiras semanas após a estreia (julho de 2025). Reconhece-se como limite o foco predominante em fontes anglófonas; embora isso capture bem a estratégia global da Warner e grande parte da crítica ocidental, deixa de fora nuances de recepção em outros contextos culturais (por exemplo, a recepção brasileira ou de outras línguas). Sugere-se, como continuidade, pesquisas futuras que abranjam essa diversidade linguística.

Para a análise textual, empregou-se codificação temática inspirada pela teoria fundamentada, com categorias derivadas tanto do referencial teórico (e.g. *"esperança como contradispositivo"*, *"esperança como branding"*, *"alteridade/coletividade"*, *"positividade excessiva"*, *"negatividade residual"*) quanto emergentes dos dados (e.g. *"restauração tonal"*, *"fidelidade ao Superman clássico"*, *"'hopepunk' vs 'grimdark'"* – este último termo, *hopepunk*, apareceu em debates de fãs como subgênero oposto ao cinismo *grimdark*). Cada item do corpus (seja uma fala do filme, um trecho de crítica ou comentário de fã) foi examinado e marcado com um ou mais códigos conforme seu conteúdo. Por exemplo, o trecho de uma resenha dizendo *"É um filme vibrante, com coração, que faz você acreditar novamente"* foi codificado em "positividade/otimismo – tom inspirador", enquanto um comentário de fã lamentando que *"Superman mata o vilão, o que é meio irônico para um filme sobre esperança"* recebeu o código "negatividade residual – dilema moral".

A triangulação ocorreu ao cruzar essas camadas: comparou-se, por exemplo, o que a campanha promocional dizia (esperança, otimismo) com o que as críticas destacaram de positivo ou negativo, e com o que os fãs perceberam. Isso permite identificar convergências (todos concordam que o filme é mais *leve* que os anteriores) e dissonâncias (fãs detectando incoerências que a publicidade ignora, por exemplo). A metodologia, portanto, combina análise de conteúdo qualitativa com uma perspectiva de estudos culturais, situando o filme tanto como texto autônomo quanto como evento midiático e social.

Ressaltamos que, dado o lançamento muito recente do filme, nosso estudo captura um recorte temporal inicial – as percepções podem evoluir à medida que a audiência geral assistir e comentar, ou conforme sequências e contextos futuros releiam o impacto deste *Superman* inaugural de Gunn.

Em termos de limitações adicionais: a pesquisa não pôde abarcar extensivamente dados de recepção de mercado além da bilheteria de estreia (por exemplo, não analisamos pesquisas de

satisfação de público em diferentes segmentos demográficos, nem retorno a longo prazo). Também não se adentrou numa análise fílmica detalhada de elementos formais (fotografia, montagem) – o foco manteve-se nas dimensões temáticas e discursivas relacionadas à esperança. Esses recortes mantêm o estudo manejável e alinhado à pergunta proposta, mas deixam espaço para aprofundamentos complementares (como uma leitura fílmica estilística ou comparativa com outros filmes de super-herói contemporâneos).

5 ANÁLISE

Para o início da análise, foi montado um quadro de categorias analíticas, Quadro 1, com código, definição operacional e relação com os elementos de Han.

Quadro 1 - Categorias analíticas

Código	Definição operacional	Relação com Han
TEMP	Temporalidade / Ritmo. Presença de demora, ciclos, recuperação não instantânea, intervalos	Contrapõe aceleração e hiperatividade
ALT	Alteridade / Imigração / Diversidade. Superman como migrante; ecossistema plural de metahumanos ampliando a rede relacional	Resiste à expulsão do Outro; ou estetiza diversidade
OPA	Opacidade / Interioridade. Ênfase em humanidade interior, falha, emoções privadas (Clark) vs mera transparência performativa	Reintroduz zonas de interioridade contra transparência total
NEG	Negatividade. Incorporação de falha, limite, dilema moral, luto como fonte de sentido	Reabilita negativo que a positividade suprime
POSMKT	Positividade mercadológica. Uso de “hope”, “heart”, “kindness” como slogan promocional, simplificação emocional	Absorção psicopolítica (autoafirmação)
PERF	Performance / Desempenho / Produtivismo. Discurso de potência infinita, escalabilidade de universo, *roadmap* agressivo	Reforça lógica de desempenho serial
RIT	Ritual / Serialidade re-humanizante. Evoca continuidade, tradição, coletividade e ritmo estabilizador	Pode restaurar rituais vs nostalgia mercantil
FND	Fandom / Apropriação Afetiva. Reações emocionais intensas que co-construem sentido	Pode ser ressonância (contradispositivo) ou catarse consumista

Fonte: Os autores.

A codificação adota como unidade analítica mínima cada trecho paratextual – uma frase ou pequeno parágrafo extraído de críticas, entrevistas ou postagens. A cada unidade atribui-se obrigatoriamente um código primário e, quando houver clara sobreposição sem redundância, um ou mais códigos secundários. O material só é incorporado à matriz se contiver referência explícita ou implícita a esperança, humanidade, diversidade, expansão do universo narrativo, interioridade

emocional, falha, estratégias de branding ou metáforas recorrentes de luz e coração; qualquer texto que não mobilize pelo menos um desses elementos é descartado nesta fase.

Após a leitura interpretativa, cada extrato é provisoriamente classificado em três possibilidades: contradispositivo, quando evidencia limite, alteridade não assimilada, ritmos desacelerados ou alguma forma de negatividade fecunda; reabsorção, quando a esperança surge como mero *slogan* ou *commodity* emocional integrada a uma aceleração estratégica e a uma estetização acrítica; ou ambivalente, quando ambas as forças estão presentes, circunstância que exige justificativa explícita da dupla marcação.

A análise interpreta sempre em regime de triangulação: para toda inferência busca-se parear, sempre que possível, uma evidência industrial (dados de bilheteria ou declarações estratégicas do estúdio), um comentário crítico ou entrevista e um testemunho de fã, de modo a evitar leituras anedóticas. O processo progride até o ponto de saturação inicial, momento em que novos extratos apenas repetem léxico já mapeado – termos como "hope", "heart", "kindness", "humanity" ou "faithful" – sem adicionar nuances semânticas relevantes; a partir daí cessam-se novas codificações para preservar concisão analítica. Os resultados são apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 - Matriz de codificação a partir das críticas

Fonte / Canal	Extrato (citação breve ou resumo)	Código(s) atribuídos	Interpretação inicial	Classificação provisória
Deadline (N. Oganesyan)	Gunn define o filme como "uma história de imigrante" que resgata "a bondade humana básica"	ALT, POSMKT	A fala reforça o símbolo-esperança como abertura ao outro, mas já empacotada como narrativa oficial do estúdio.	Ambivalente
NPR (G. Weldon)	"Golly… to do good! For, you know… good!"; filme é "brega, mas é por isso que acerta"	RIT, FND	Celebra a sinceridade idealista e o apelo de torcer; esperança funciona como contradispositivo face ao cinismo pop.	Contradispositivo
The New York Times (A. Wilkinson)	Superman "é menos sobre patriotismo que sobre humanismo" e enfrenta "fake news" de Luthor.	ALT, NEG	Associa esperança à defesa universal de vidas e critica manipulação midiática; reconhece estratégia de franquia.	Ambivalente
Moment (A. Michaels)	"A força primária deste Superman é a empatia"; trama ecoa conflito Israel/Palestina.	ALT, NEG	Vê o filme como alento em tempos de polarização; esperança aparece como posicionamento ético contra militarismo.	Contradispositivo

The Guardian (P. Bradshaw)	Reboot "ocupa o diagrama exausto entre franquia e CGI sem alma"; "qual o sentido?"	POSMKT, PERF, TEMP	Percebe ausência de sentido e repetição de "faux-apocalypse"; esperança diluída em espetáculo genérico.	Reabsorção
BBC (N. Barber)	"Gunn parece ter feito o filme para sua própria diversão… autoindulgente, curioso, excêntrico"	POSMKT, PERF	Nota excesso de conceitos e ritmo apressado que esvaziam impacto emocional; esperança perde peso dramático.	Reabsorção
Cinema em Cena (P. Villaça)	Segmento de fãs chama filme de "excessivamente woke"; Villaça defende Kal-El como imigrante empático.	ALT, FND, NEG	Mostra disputa semântica da esperança: contradispositivo (defesa de vidas) versus reação ideológica online.	Ambivalente
Omelete (G. Jacobs)	"Filme abraça sem reservas a natureza do protagonista" e insere debates sobre imigração e fake news.	ALT, RIT, NEG	Enfatiza construção de mundo coeso e temas contemporâneos sem cinismo; esperança recuperada como valor central.	Contradispositivo
Scream & Yell (D. Caro)	Superman "sangra, como comete inúmeros erros ao longo das imperceptíveis duas horas de filme" - falibilidade como motor dramático; quadrinismo orgulhoso.	NEG, OPA, RIT	Valoriza humanidade e aprendizado como aprofundamento da esperança; contradiz messianismo sombrio prévio.	Contradispositivo
Plano Crítico (K. Rick)	"Num mundo cínico é difícil acreditar no que ele representa: esperança voando pelos céus"	ALT, FND, NEG	Reconhece articulação entre mensagem ética e espetáculo de franquia; admite conveniências narrativas.	Ambivalente
Tangerina UOL (V. Cierro)	Gunn "resgata valores clássicos com roupagem atual" e reforça "empatia, diversidade e esperança"	ALT, RIT	Entende o filme como retorno triunfal da DC ancorado em inclusão e compaixão – esperança como pilar.	Contradispositivo

Fonte: Os autores.

5.1 ESPERANÇA RESTAURADA? – "CORAÇÃO" E "HUMANIDADE" ENTRE CONTRADISPOSITIVO E NARRATIVA DE MARKETING

Logo após a estreia, formou-se um coro crítico que saudou Superman (2025) como o retorno do "coração" perdido do herói. Glen Weldon, da NPR, resumiu o sentimento ao dizer que o filme "é brega, dolorosamente sincero, até mesmo cringe – o que significa ser Superman" (Weldon, 2025). Para

Victor Cierro, do Tangerina Uol, a narrativa “resgata os valores clássicos do herói, mas com roupagem atual, reforçando empatia, diversidade e esperança” (Cierro, 2025). Guilherme Jacobs, do Omelete, acrescenta que Gunn “abraça sem reservas a natureza do protagonista” e “usa o personagem como espelho para discutir imigração e fake news” (Jacobs, 2025). Essas leituras convergem com a intenção declarada pelo próprio diretor de contar “uma história de imigrante” cujo eixo é “a bondade humana básica, algo que perdemos” (Oganesyan, 2025). Na tela, pequenos gestos — Clark agradecendo uma máquina de café ou arriscando-se por um cachorro — funcionam como micro-signos dessa esperança relacional.

Interpretados à luz de Han, tais gestos reinstalam a negatividade fecunda e a alteridade que a “sociedade da positividade” tende a expulsar. Para Andrew Michaels, da Moment, a força do filme é justamente “sua empatia, sua capacidade de sentir medo, falhar e continuar tentando” (Michaels, 2025). O crítico Pablo Villaça nota que essa postura colide com parcelas do fandom que tacham o filme de “excessivamente woke”, irritadas porque “Kal-El vê todas as vidas como dignas de preocupação” (Villaça, 2025). O atrito evidencia o potencial contradispositivo: num ambiente cultural saturado de cinismo, exibir altruísmo corriqueiro já soa subversivo.

O mesmo vocabulário porém, também sustenta a engrenagem promocional. A campanha da Warner estampou o slogan “olhe para cima”; entrevistas insistiam em que o filme seria “um raio de esperança” para o DCU. Peter Bradshaw, do The Guardian, percebeu nisso “um produto atolado na sobreposição entre exaustão de franquia e CGI sem alma ” (Bradshaw, 2025), enquanto Nicholas Barber, da BBC, julgou o resultado “superficial e frágil”, com conceitos despejados tão rápido que “nenhum deles importa” (Barber, 2025). Esses diagnósticos indicam captura mercadológica: a esperança converte-se em *unique selling point*, validando um roadmap serial de lançamentos que precisa de “boas vibrações” para reanimar a marca.

Tem-se, portanto, um signo que opera em dois registros simultâneos. De um lado, há sinceridade autoral e recepção afetiva que revivem a abertura ao outro — efeito contradispositivo que rompe o ciclo da ironia. De outro, o mesmo léxico é instrumentalizado como *commodity* emocional, calibrado para gerar buzz e bilheteria. A dialética entre esses polos — esperança como gesto ético versus esperança como ativo de *branding* — atravessa toda a recepção inicial e permanecerá no centro das leituras que se seguem às demais dimensões do filme.

5.2 TONALIDADE E HUMANIZAÇÃO – LEVEZA E COMPLEXIDADE EMOCIONAL VERSUS MESSIANISMO SOLENE

Comparado a seus antecessores imediatos, *Superman* (2025) representa uma mudança de tonalidade marcante. Zack Snyder havia retratado o herói de forma quase messiânica e sombria – um “deus atormentado” carregando o peso do mundo de maneira solene. Em contraste, James Gunn opta

por humanizar e desmitificar sem desrespeitar o ícone. Críticos notaram imediatamente a paleta mais clara e colorida do filme e o equilíbrio entre seriedade e humor. Srabana Aich (2025) descreveu que "desde o primeiro quadro, *Superman* explode em cores, uma mudança bem-vinda em relação às paletas sombrias das entradas DC anteriores". A cinematografia evoca quadrinhos com vivacidade, mas sem cair na paródia; e Gunn dosa sua famosa veia cômica de forma mais contida, permitindo que o filme seja "sério quando precisa ser e leve quando tem espaço para isso".

A humanização do protagonista é um ponto central. Srabana comenta que David Corenswet entrega um Superman "não taciturno ou alienado, muito menos tentando se passar por um deus, e sim profundamente humano". Essa descrição ecoa nos elogios: o novo Clark Kent é "bagunçado, divertido e especial. Ou, em outras palavras, humano" (Jacobs, 2025) – um retorno ao espírito esperançoso de Christopher Reeve, porém com toques modernos de vulnerabilidade. A decisão de Gunn de evitar recontar a origem (pulando a repetição de Krypton e Smallville) poupou-nos do tom messiânico exagerado que por vezes marca as narrativas de origem. Em vez disso, encontramos um Superman já em atuação como herói há alguns anos, tendo que lidar com desafios morais num mundo complexo. Isso permite explorar "o que significa fazer o bem e buscar a justiça num mundo complicado", confrontando o herói com dilemas e mostrando suas falhas e ideais de forma íntima. Assim, o tom abandona a pretensão do "Superman messias infalível" e abraça o "Superman vulnerável que quer apenas melhorar o mundo e ser aceito nele".

Essa mudança tonal recebeu aplausos da crítica: a palavra *"esperançoso"* foi usada frequentemente para caracterizar o clima do filme, assim como *"divertido", "leve" e "comovente"*. Até mesmo elementos que antes eram alvo de controvérsia – por exemplo, o senso de humor – aqui funcionam positivamente: Gunn incluiu momentos cômicos e calorosos que quebram a sisudez sem ridicularizar o personagem. A recepção sugere que evitar o messianismo solene não significou falta de respeito, mas sim aproximação emocional: o público pode se conectar a um Superman que ri, que tem dúvidas e sentimentos comuns, sem que isso diminua sua grandeza heroica.

Conceitualmente, a estratégia tensiona a "sociedade da positividade": se a leveza fosse apenas anestésica, tenderia a eliminar fricções; aqui, contudo, a humanização reintroduz micro-negatividades (dúvida, limite, falha administrável) que preservam densidade ética. Han (2017) enfatiza que a erosão da negatividade gera isolamento e cansaço – ao reinscrever falibilidade controlada, o filme constrói uma esperança não ingênua, cujo brilho emerge de contrastes moderados, e não de um plano homogêneo de euforia.

Um ponto importante é que a leveza tonal não eliminou a *gravitas* quando necessária. Diversos comentários destacaram que o filme "é sério quando precisa ser" e não foge de questões sérias – uma qualidade que veremos mais adiante ao discutir os dilemas éticos inseridos na trama. Portanto, *Superman* (2025) acerta um equilíbrio difícil: devolve o sorriso ao herói (literal e metaforicamente),

evitando a atmosfera pesada e niilista dos filmes anteriores, mas sem cair na trivialidade rasa. A tonalidade esperançosa torna-se, assim, um veículo tanto de entretenimento quanto de significado: o filme se permite inspirar e encantar (*wonder*), o que muitos consideraram um alívio bem-vindo no gênero de super-heróis recente.

Essa tonalidade híbrida transforma "otimismo" em empatia dramatizada: quando mantém tensões, aproxima-se do contradispositivo; quando formata emoção para fruição instantânea, inclina-se à mercantilização pacificadora.

5.3 ALTERIDADE E ECOSSISTEMA DE METAHUMANOS – SUPERMAN CERCADO DE OUTROS (DIVERSIDADE E ECOLOGIA RELACIONAL DA ESPERANÇA)

Uma estratégia notável de *Superman* (2025) para modular a esperança de forma coletiva foi ampliar o elenco de heróis e aliados ao redor do protagonista. Em vez de apresentá-lo isolado como salvador solitário, o filme insere Superman em um verdadeiro ecossistema de metahumanos e humanos que colaboram e interagem, dando um tom mais plural à narrativa de esperança. Na história, Clark já atua em um mundo onde existem outros heróis – tanto que um grupo informal apelidado de *"Justice Gang"* (Gangue da Justiça) é mostrado trabalhando junto em certas situações. Temos a presença de personagens como *Hawkgirl* (Isabela Merced), *Mister Terrific* (Edi Gathegi) e *Guy Gardner* (Nathan Fillion) compondo essa equipe emergente, além de heróis inusitados como *Metamorpho* e até o cão *Krypto*. Todos eles, em maior ou menor grau, acompanham e ajudam o Homem de Aço ao longo do filme. Mesmo figuras humanas sem poderes – Lois Lane e os jornalistas do *Planeta Diário* – têm um papel ativo na resolução dos conflitos, enfatizando que o heroísmo não é um ato isolado. Como ressalta uma matéria da AP, "os atos de heroísmo de Superman nunca estão isolados durante o filme. O Homem de Aço é acompanhado por seu supercão Krypto, pela Justice Gang, por Metamorpho ou Lois Lane e pela equipe de jornalistas do Planeta Diário" (Watson; Ambriz, 2025). Inclusive, o próprio trabalho de Clark Kent como repórter não é mero disfarce: o valor da imprensa e da verdade é enaltecido na trama como parte do "poder coletivo" contra a injustiça.

Essa escolha narrativa reflete uma forma de esperança relacional ou ecológica: a ideia de que a esperança floresce em rede, nas parcerias, na diversidade de sujeitos que cooperam pelo bem comum. Superman deixa de ser o "único raio de luz" para tornar-se o centro de um constelação de esperanças – cada aliado acrescenta uma perspectiva. Cada aliado introduz um vetor de alteridade. Gardner traz arrogância brincalhona; Hawkgirl, fúria justa; Mr Terrific, inteligência impaciente; Metamorpho, corporalidade mutante; Lois Lane, jornalismo combativo. O gesto lembra a leitura de Byung-Chul Han: esperança autêntica exige espírito comunitário e reafirma a coexistência de diferenças em vez de sua homogeneização (Han, 2017).

A própria constituição do elenco amplia essa diversidade: David Corenswet (origens judaicas), Edi Gathegi (ator queniano-americano), Isabela Merced (atriz latina) e Nathan Fillion (papel de um Lanterna sarcasticamente canadense) figuram lado a lado. Pablo Villaça ressalta que a decisão de mostrar Kal-El como imigrante atacado por suas origens reacende debates sobre xenofobia, deslocando a empatia do plano abstrato para a política concreta (Villaça, 2025).

Em uma cena, crianças de diferentes origens aparecem agitando bandeiras com o símbolo do Superman, sugerindo que ele inspira esperança em múltiplos grupos – ele é um catalisador de esperança coletiva, não apenas individual.

Sob a lente haniana, essa pluralização combate a expulsão da alteridade típica da positividade lisa. A presença de diferenças (estilos de agir, origens, temperamentos) reinstaura negatividade friccional produtiva: divergências táticas, ruídos éticos e complementações que expandem a capacidade de resposta coletiva.

Contudo, nem todos os críticos viram essa ampliação de elenco de forma inteiramente positiva. Algumas resenhas argumentaram que o filme se "espalha" demais ao tentar servir tantos personagens e ganchos para o futuro. Hunter Friesen (2025), por exemplo, elogia o conceito simbólico de Superman como campeão do povo, mas lamenta que esse "núcleo" acabe "afogado por uma avalanche de personagens extra, subtramas e cenas de ação infladas". Ele lista a Justice Gang, Krypto, Metamorpho, vilões secundários (Ultraman, Engineer) e toda a redação do Planeta Diário – todos disputando tempo de tela e entregando muita exposição para manter o "trem nos trilhos" da narrativa. Na visão dele, é "tudo em nome da diversão, mas diversão demais pode ser algo ruim" e em alguns momentos a sobrecarga de elementos dilui o impacto emocional da história principal. Assim, o que do ponto de vista da alteridade pode ser visto como ecologia rica, do ponto de vista estritamente cinematográfico pode soar como excesso dispersivo. Esse risco de dispersão (excesso de personagens, subtramas) pode converter diversidade em saturação transparente – multiplicação quantitativa que não gera qualidade alteritária, apenas ruído informacional para manutenção do ritmo mercadológico.

De qualquer modo, do ângulo de nossa investigação, importa destacar que a presença desse ecossistema de metahumanos modula o signo da esperança de maneira diferente dos filmes anteriores. A esperança deixa de ser retratada unicamente como a virtude individual de um salvador e passa a ser quase um atributo do coletivo – um emergente de várias interações. Quando Superman cai exausto, são *pessoas comuns* que correm para ajudá-lo a se levantar; quando o mundo dúvida dele, outros heróis intercedem em seu favor. Essa interdependência reforça a dimensão de alteridade (esperança vista não como projeção de um "eu" onipotente, mas como relação *entre* muitos "outros") e se aproxima do que Han (2024) descreve como recuperar "espírito comunitário" como ato de esperança.

Embora executada com possíveis excessos narrativos, a estratégia de Gunn de inserir o "Azulão" em uma liga nascente de aliados efetivamente pinta a esperança em cores mais plurais – e

fornece terreno fértil para explorar o tema da alteridade e cooperação, ainda que o equilíbrio entre quantidade de personagens e profundidade dramática tenha sido um desafio percebido. Assim, cabe destacar, nesta ambivalência, o ecossistema metahumano é potencialmente contradispositivo enquanto diversidade relacional significativa; mas torna-se captura quando a diferença se reduz a catálogo decorativo previsível.

5.4 ECONOMIA DA ESPERANÇA – A PERFORMATIVIDADE NA ESTRATÉGIA DE LANÇAMENTO E RESULTADOS DE BILHETERIA

Considerando o contexto mercadológico, *Superman* (2025) não é apenas uma obra isolada, mas o pontapé inicial de uma nova fase do DCU sob comando de Gunn e Peter Safran. Havia muito em jogo financeiramente e em termos de franquia, e "esperança" tornou-se a palavra de ordem tanto tematicamente quanto comercialmente. A estratégia de marketing deixou isso nítido: cada material promocional enfatizava o otimismo, desde pôsteres com o *slogan* "olhe para cima" até o trailer destacando imagens de Superman salvando civis ao som de acordes inspiradores. Conforme observado, até detalhes como os logos iniciais do filme foram concebidos para sinalizar um recomeço luminoso e ousado baseado na nostalgia esperançosa – incluindo um aceno à trilha clássica de John Williams, que funciona como "um tiro direto de esperança no coração" dos espectadores familiarizados (Chaffins, 2025). Essa performatividade deliberada do "tema esperança" serviu para diferenciar o produto: se os filmes anteriores eram sombrios, este seria *o filme que devolve a fé* no herói e, por extensão, na marca DC.

A receita dessa abordagem se provou eficaz nos indicadores iniciais. *Superman* (2025) estreou com aproximadamente US$ 122 milhões na bilheteria doméstica (EUA e Canadá) no fim de semana de abertura (Coyle, 2025). Esse número, além de ser o terceiro maior de 2025 até então, marcou o primeiro filme da DC a ultrapassar a barreira de $100 milhões na estreia desde *Mulher-Maravilha* em 2017. Em outras palavras, o retorno do "esperançoso" Superman coincidiu com uma inversão da má fase comercial da DC – filmes recentes como *The Flash* e *Shazam 2* haviam decepcionado em bilheteria. Podemos inferir que a campanha de esperança reacendeu o interesse e a confiança do público, algo reconhecido pelo próprio estúdio: *"Foi uma grande vitória para a DC Studios… Precisávamos reconquistar a confiança do público, e eles nos deixaram claro que precisávamos dar um passo atrás e nos reinventar"* (Coyle, 2025). Essa fala do chefe de distribuição da Warner, Jeffrey Goldstein, revela que o *branding* da esperança não foi casual, mas uma decisão consciente para restaurar a credibilidade junto aos fãs. O resultado – sucesso na bilheteria de estreia e boas notas do público (nota "A-" no CinemaScore e 82% de aprovação no Rotten Tomatoes, a melhor da franquia desde os filmes de Christopher Reeve) – indica que a *commodity* "esperança" teve alto rendimento.

No entanto, o desempenho internacional foi mais modesto (US$ 95 milhões em 78 mercados). Analistas apontaram que o personagem é percebido como "essencialmente americano", e que em algumas partes do mundo a imagem dos EUA não vive seu melhor momento, apesar do filme ser consciente da imagem de "all-American boy" de seu herói (Villaça, 2025). Curiosamente, isso nos lembra que a economia afetiva da esperança está imbricada em questões culturais e políticas: vender esperança com Superman no mercado doméstico americano – onde o personagem encarna valores quase míticos de bondade – é mais fácil do que em mercados onde o público pode não ter a mesma conexão ou onde "esperança" *made in USA* possa soar deslocada. Ainda assim, o fato de *Superman* (2025) ter se saído bem em meio a concorrentes fortes (por exemplo, um filme de franquia *Jurassic World* estreando na mesma época) mostra o acerto da Warner em capitalizar o vácuo de um herói virtuoso. A DC emplacou uma sequência rara de sucessos consecutivos, com *Superman* sendo o quinto filme seguido do estúdio a abrir acima de $45M – um "*hot streak*" que sem dúvida se alimenta dessa renovação de imagem.

Porém, a questão crucial permanece: essa esperança vendida corresponde a algum potencial crítico ou transformador, ou esgota-se na mercadoria emocional? Há elementos no filme que indicam alguma profundidade crítica inserida sob o verniz do entretenimento. Por exemplo, a trama secundária envolvendo um conflito geopolítico (uma guerra que Superman intervém) traz para a narrativa um comentário contemporâneo – lembrando conflitos reais entre Palestina e Israel – e levanta debates éticos (um super-herói deve violar soberanias para impedir uma guerra?). Também a figura de Lex Luthor como magnata manipulador de opinião pública insere uma crítica à desinformação e ao poder corruptor (acenando para figuras como Elon Musk) – de certo modo, o filme tenta dialogar com questões do "mundo real" sob a embalagem da aventura. Friesen (2025) notou que Gunn *"investiga a ingenuidade de simplesmente fazer o bem num mundo moderno que prova perpetuamente poder argumentar contra isso"*, com Lex questionando as intenções de Superman e puxando o tapete da crença pública nele. A provocação explícita – *"de que adianta um farol de esperança quando as pessoas deixam de acreditar nele?"* – é praticamente um meta-comentário sobre a frágil economia da esperança: se o público (dentro do filme e fora dele) não "comprar" a esperança, ela perde efeito. Ou seja, o filme conscientemente encena a possibilidade do cinismo triunfar (a população volta-se contra Superman em certo ponto, duvidando de suas motivações).

Esse tipo de tensão indica que *Superman* (2025) retém algum poder contradispositivo real, inserindo grãos de negatividade/reflexão no produto comercial. Em última instância, porém, a resolução ainda pende para o formato seguro do *blockbuster*: Superman supera os obstáculos, a fé é restaurada, e o público sai contente. A esperança criticamente encenada (questões políticas, dilemas morais) serve, paradoxalmente, para reforçar a catarse positiva final – um ciclo que beneficia a mercadoria, já que entrega tanto um pouco de complexidade quanto, no fim, a recompensa emocional

simples. Em termos de "economia da esperança", Warner e DC capitalizam afetividades: transformaram a necessidade dos fãs por um herói luminoso em estratégia de marketing bem-sucedida e lucro significativo. Ao mesmo tempo, Gunn conseguiu inserir camadas que, se não subvertem essa lógica, ao menos a enriquecem, permitindo leituras menos conformistas (sobre imprensa livre, responsabilidade do poder, etc.). O balanço final parece tender para a esperança enquanto *produto*, mas com vislumbres de seu potencial crítico dentro do pacote.

5.5 NEGATIVIDADE RESIDUAL – DILEMAS ÉTICOS, TRAUMAS E AMBIGUIDADES QUE EVITAM A POSITIVIDADE PLANA

Embora *Superman* (2025) se apresente de forma brilhante e otimista, o filme inteligentemente preserva resíduos de negatividade – isto é, conflitos não totalmente resolvidos, angústias pessoais e temas sombrios latentes – que conferem profundidade e tensão à narrativa, evitando que tudo se torne uma massa homogênea de positividade vazia. Essa negatividade residual manifesta-se de diversas formas.

Conforme mencionado, uma cena central mostra Superman intervindo em uma guerra entre dois países (uma alusão nada sutil a conflitos reais recentes entre Israel e Palestina). Ao fazer isso, ele "violou várias leis internacionais e se colocou como juiz, júri e executor" contra aqueles que propagavam mentiras para inflamar a guerra. Essa escolha do herói traz consequências: não é comemorada por todos, e sim gera desconfiança e controvérsia global sobre sua agência para agir acima das nações. Aqui, a esperança que o super-homem representa fica em cheque – ao mesmo tempo em que deseja salvar vidas (uma motivação esperançosa), acaba criando um debate complexo sobre soberania e vigilantismo.

O filme, portanto, introduz um elemento de ambiguidade moral na conduta de Superman. Diferentemente de narrativas mais simplistas onde o herói está sempre certo, Gunn permite zonas cinzentas.

Lex Luthor capitaliza nesse episódio para difamar Superman, argumentando que ele é perigoso e que sua presença convida a tirania do "bonzinho todo-poderoso". Em termos de Han, poderíamos dizer que essa situação reinjeta *negatividade* (questionamento, suspeita) em meio à positividade heroica – e essa negatividade não é imediatamente resolvida, pois ocupa boa parte do conflito dramático. A pergunta *"de que adianta esperança se ela gera consequências indesejadas ou se as pessoas perdem a fé nela?"* perpassa o enredo , mantendo uma tensão até o final.

Embora o filme não reencene a destruição de Krypton, ele não ignora o peso psicológico da origem de Superman. Há alusões ao fato de Clark ainda processar ser um sobrevivente de um planeta morto e ter sido enviado bebê à Terra. Gunn explora *"como ele se sente sobre o fato de que seus pais [biológicos] o enviaram para outro planeta"*, fazendo com que Superman reflita sobre sua origem de

maneira emocional. Assim, há camadas de trauma ou, no mínimo, conflito interno: por um lado, ele carrega a esperança de seus pais (que acreditaram que a Terra o salvaria), por outro, deve lidar com a perda de Krypton e a sensação de alteridade permanente.

Assim, a família e a identidade são fontes de drama, não sendo perfeitas ou trivializadas. Até mesmo a figura dos pais de Krypton ganha contornos ambíguos dependendo da perspectiva: em *Superman* (1978) e *Man of Steel* (2013), Jor-El envia Kal-El para fazer o bem; em Superman (2025) os pais o enviam afirmando sua superioridade perante os humanos e orientando dominação. Também, se considerarmos a introdução do vilão Ultraman no filme (um doppelgänger maligno de Superman de outro universo), em Os Novos 52, por exemplo, esse personagem tem uma origem onde seus pais o enviam à Terra com intenções de conquista. *Ultraman* é um braço de Lex Luthor, e embora não aprofunde sua história de origem, fãs conhecedores sabem que ele representa um espelho sombrio – um Superman cujo símbolo "S" não significa esperança, mas poder dominador. A simples presença de Ultraman (ainda que como capanga vilanesco) traz subtexto de negatividade: o *S* pode significar coisas opostas dependendo de quem o veste, lembrando que símbolos podem ser cooptados (um aceno à própria disputa pelo significado da esperança).

A batalha culminante do filme envolve Superman tomando uma decisão extrema de eliminar Ultraman para salvar o dia. Embora a obra não se debruce longamente sobre os efeitos disso (no epílogo não há tempo para pesar a culpa, por exemplo), esse ato violento paira como um elemento de dissonância moral. Para alguns espectadores, *"foi chocante ele matar, considerando todo o discurso de esperança"*, o que implica que o próprio filme flerta com os limites do código de conduta do herói (Reddit, 2025). Ou seja, a vitória não veio sem custos morais – uma mancha que contrasta com a aura brilhante de esperança.

Em termos narrativos, poderíamos ver isso como uma manutenção de negatividade residual: mesmo no triunfo, há algo de agridoce ou inquietante (uma morte necessária, a justiça pelas próprias mãos). Esse tipo de detalhe impede que a mensagem se torne totalmente edulcorada; há arestas que o público nota e discute.

No fim da obra, embora Superman vença Luthor e recupere a confiança de muitos, a reputação do herói não é restaurada totalmente, o próprio roteiro insinua que *a relação do mundo com Superman seguirá complexa*. Há indícios de linhas narrativas para o futuro – protestos de grupos anti-Superman vistos brevemente, insinuação de que autoridades globais continuam desconfortáveis com um poder não-regulado. Essa escolha de deixar *fios soltos* (ainda que sutis) significa que a esperança de Superman permanece em um mundo que ainda tem problemas reais. Não é um "felizes para sempre" absoluto, mas um "há muito trabalho a fazer" (além de gancho para continuações). Isso condiz com uma visão de esperança mais trágica e ativa, em vez de utópica e resolvida: a esperança existe na luta contínua, não na resolução final mágica.

Assim, *Superman* (2025) inseriu conscientemente doses de "negatividade" ou elementos que servem como contradispositivos dentro de sua narrativa esperançosa, garantindo que o produto final não fosse uma experiência de positividade rasa e unidimensional. Ao lidar com dilemas éticos (lei vs. justiça), com traumas pessoais (perda, sentimento de não pertencimento), com ambiguidades de legado (o símbolo *S* podendo inspirar ou ameaçar) e com decisões moralmente difíceis (violência usada em prol do bem), o filme enriquece o conceito de esperança, tornando-o ambivalente e dialético, e não apenas um adesivo de *smiley face*.

Isso atende, inclusive, à ideia haniana de que uma dose de negatividade (no sentido de alteridade, tensão, questionamento) é necessária para que algo seja verdadeiramente significativo – no caso, para que a esperança retratada tenha substância e não seja mero produto anestésico. Tais elementos negativos residuais previnem que o filme descambe para uma propaganda de otimismo vazio; ao contrário, fazem da esperança algo conquistado em meio a dificuldades, o que paradoxalmente a reforça como genuína.

6 CONCLUSÃO: A AMBIVALÊNCIA DA ESPERANÇA

A investigação realizada buscou responder à pergunta sobre o duplo papel do signo "esperança" em *Superman* (2025): contradispositivo transformador ou commodity afetiva? A resposta não é excludente – a esperança é ambas as coisas, entrelaçadas num equilíbrio instável. A esperança é simultaneamente conteúdo e embalagem – mensagem e meio – do projeto *Superman*.

Do ponto de vista contradispositivo, *Superman* (2025) conseguiu reinserir, na esfera mainstream, valores e afetos que contrastam com a lógica cínica vigente. O fato de o filme ter sido bem recebido por público e crítica ao apostar em sinceridade emocional sugere que há um anseio coletivo por narrativas mais "negativas" no sentido haniano – ou seja, que tragam de volta o outro, a vulnerabilidade, o vínculo comunitário. O Superman de Gunn estabelece laços: ele depende de amigos, confia nas pessoas, valoriza a verdade e a justiça de maneira não-irônica.

Isso, conforme Han e outros críticos culturais argumentam, tem um efeito quase subversivo em uma cultura saturada de ironia e narcisismo. A cena do garotinho erguendo a bandeira do Superman em meio ao caos da guerra, por exemplo, é profundamente simbólica: uma imagem de inocência e fé no herói que evoca a possibilidade de união e coragem coletiva frente às trevas. Em uma era de desesperança política, essa imagem funciona como contradispositivo, lembrando o público (dentro e fora da diegese) do poder de acreditar em algo maior do que si mesmo.

Adicionalmente, as camadas críticas do filme (comentários sobre mídia, sobre responsabilidade do poder, etc.) inserem um questionamento suave no coração do blockbuster, o que pode plantar sementes de reflexão nos espectadores – mesmo que de forma embrionária. Assim, há de fato uma pulsão de negatividade frutífera dentro da positividade superficial: negatividade entendida como tudo

aquilo que rompe a mesmice autoafirmativa (o "inferno do igual", como afirma Han). A esperança, sob essa luz, aparece como alteridade – uma alternativa ao status quo cínico.

Contudo, do ponto de vista da mercadorização, não se pode ignorar que *Superman* (2025) se alinha perfeitamente às dinâmicas de consumo afetivo e espetáculo. A "esperança" ali é também um produto estrategicamente construído para venda: cada quadro colorido, cada momento emocionante, cada referência nostálgica foi deliberadamente orquestrado para produzir um efeito no consumidor-espectador. A esperança torna-se um *brand value* – algo quase tangível que diferencia este filme no mercado saturado de propriedades intelectuais (IPs) de super-heróis. A Warner Bros. capitalizou esse valor em sua campanha publicitária, e colheu dividendos concretos (bilheteria robusta, reinstauração da fé na franquia).

Sob a lente da psicopolítica, podemos dizer que *Superman* (2025) exerceu com êxito um poder sedutor: em vez de impor algo, a obra convidou o público a entregar seus dados emocionais voluntariamente – as pessoas foram ao cinema dispostas a se emocionar, a serem inspiradas. Há nisso um componente de controle sutil: a catarse esperançosa como mecanismo de fidelização e apaziguamento.

A crítica mais cética perguntaria: essa onda de positividade contida no filme gera alguma mudança real de atitude na sociedade ou funciona principalmente como válvula de escape que permita às pessoas sentirem-se esperançosas por duas horas, para depois retornarem à realidade inalterada? Byung-Chul Han alertaria para o perigo de a esperança ser diluída em *mais uma mercadoria do bem-estar*, consumida e descartada sem provocar verdadeira alteridade. Quando "esperança" se converte em slogan corporativo (um ativo da DC Studios), há o risco de que seu potencial disruptivo seja neutralizado – vira um produto de grande circulação, seguro e palatável.

A avaliação de "onde a linha pende mais" é complexa. A curto prazo, pode-se argumentar que predominou o aspecto mercadológico: *Superman* (2025) cumpriu as promessas do marketing e reestabeleceu a franquia, mas não chegou a romper moldes nem chacoalhar as estruturas. A esperança mostrada, embora sincera, encaixa-se nas expectativas e não chega a desafiar profundamente o espectador médio – afinal, o filme entrega exatamente o conforto que se esperava (e que se pagou para ver). Nesse sentido, a esperança opera "dentro do sistema", servindo mais à renovação do próprio sistema (a DCU) do que a uma transformação social externa. A longa tradição de Hollywood assimila narrativas potentes e as embala como entretenimento, e *Superman* (2025) não deixa de ser parte disso.

Entretanto, há um outro prisma: a médio e longo prazo, o retorno de um herói altruísta e inspirador no mainstream pode influenciar positivamente a cultura pop e o imaginário coletivo. Se pensarmos que por quase uma década o cinismo e o anti-herói reinaram, a volta do "*Superman hopeful*" pode sinalizar e catalisar uma mudança de paradigma na ficção de grande público. Isso pode ter desdobramentos: crianças e jovens sendo apresentados a um modelo de heroísmo mais compassivo;

outras produções investindo em narrativas *"hopepunk"*; discussões sobre bondade genuína ganhando espaço.

Talvez isso reflita a condição da esperança na contemporaneidade, conforme Han descreve: sempre tensionada entre se converter em mercadoria (a "indústria da autoajuda", o "coaching motivacional") e manter viva uma centelha autêntica de desejo por alteridade e futuro. O filme, como produto cultural, encarna essa dialética. Quiçá, a maior força ainda resida na capacidade do sistema de absorver mesmo aquilo que lhe faz contraponto. Em termos figurativos, o Superman de Gunn carrega no peito um símbolo que significa esperança que ora brilha como chama independente, ora é usada como holofote controlado pelo estúdio.

Implicações mais amplas desse trabalho apontam para o campo dos estudos de cultura midiática e da crítica social: a figura do super-herói – e do Superman em especial – serve como barômetro dos valores socioculturais de cada época. No presente caso, o pêndulo voltado à esperança pode sinalizar uma saturação do niilismo e uma demanda social por narrativas construtivas.

Entretanto, conforme a teoria de Han sugere, precisamos estar atentos para que esses anseios não sejam imediatamente cooptados e esvaziados pela lógica neoliberal da mercadoria emocional. A esperança, para ser efetivamente transformadora, deve manter sua dimensão de *negatividade*, de alteridade radical, e não se tornar apenas mais um item na prateleira do consumismo do bem-estar. *Superman* (2025) nos oferece um estudo de caso rico exatamente por se situar nesse limiar: sua recepção positiva pode tanto indicar uma revitalização simbólica quanto acomodar-se como catarse inócua.

Uma continuação lógica deste trabalho seria acompanhar a evolução dessa temática nas prováveis sequências e derivados do reboot: por exemplo, se um *Superman 2* vier, a esperança continuará sendo central? E será aprofundada ou simplificada? Comparar *Superman* (2025) com outros ícones heroicos contemporâneos também seria elucidativo – por exemplo, confrontar com o tratamento da esperança/cinismo em personagens como *Homem-Aranha* ou *Capitão América* em suas respectivas produções Outra via é expandir o escopo cultural: investigar recepções fora do eixo anglófono, especialmente em países onde a figura do Superman pode adquirir conotações distintas (anti-imperialistas, etc.), para entender se a ambivalência se manifesta de forma diversa. Também seria frutífero aplicar ferramentas de análise fílmica mais minuciosas (estética, semiótica, narratologia) para dissecar como, nos níveis formais, o filme equilibra ou tensiona esperança e negatividade (por exemplo, uso de luz e sombra, ritmo das cenas emotivas vs. cenas de ação).

Superman (2025) exemplifica o estado atual do mito do herói: vive numa relação simbiótica – e por vezes conflituosa – com as estruturas de poder midiático e com o público. Reconhecer esta complexidade nos permite valorizar o impacto cultural que narrativas assim podem ter, sem perder de vista as forças que as moldam e, eventualmente, as limitam. Em última instância, a permanência do

Superman como farol de esperança dependerá de continuarmos questionando e renegociando criticamente o que entendemos por “esperança” – dentro e fora das telas.

REFERÊNCIAS

AICH, Srabana. Review: Superman (2025) is a hopeful return to form with heart and humor. Winter Is Coming, 09 jul. 2025. Disponível em: https://winteriscoming.net/review-superman-2025-is-a-hopeful-return-to-form-with-heart-and-humor. Acesso em: 19 jul. 2025.

BARBER, Nicholas. Superman review: 'Bursting with geeky weirdness'. BBC, 8 jul. 2025. Disponível em: https://www.bbc.com/culture/article/20250708-superman-review. Acesso em: 21 jul. 2025.

BRADSHAW, Peter. Superman review – is it a bust? Is it a pain? James Gunn's dim reboot is both. The Guardian, 8 jul. 2025. Disponível em: https://www.theguardian.com/film/2025/jul/08/superman-review-david-corenswet-james-gunn. Acesso em: 21 jul. 2025.

BROWNE, Craig. Hope, critique, and utopia. Critical Horizons, v. 6, n. 1, p. 63-86, 2005.

BROWNIE, Barbara; GRAYDON, Danny M. The Superhero Costume. London: Bloomsbury Publishing, 2015. 208 p. (Dress, Body, Culture). ISBN 9781472595935. Disponível em: https://digital.casalini.it/9781472595935. Casalini id: 5214679.

CARO, Davi. Crítica: "Superman" é, de longe, o filme mais desavergonhadamente orgulhoso de suas origens quadrinísticas. Scream & Yell, 13 jul. 2025. Disponível em: https://screamyell.com.br/site/2025/07/13/critica-superman-e-de-longe-o-filme-mais-desavergonhadamente-orgulhoso-de-suas-origens-quadrinisticas/. Acesso em: 21 jul. 2025.

CHAFFINS, Alise. Superman Review: A Strong Shot of Hope. MacGuffin or Meaning: Entertainment Newsletter, 15 jul. 2025. Disponível em: https://alisechaffins.substack.com/p/superman-review-james-gunn-2025. Acesso em: 19 jul. 2025.

CHEN, David. James Gunn's Superman restores heart and humanity to a beloved, iconic superhero. Decoding Everything (Substack), 08 jul. 2025. Disponível em: https://www.decodingeverything.com/p/james-gunn-superman-2025-review. Acesso em: 19 jul. 2025.

CIERRO, Victor. Análise Crítica de Superman: O retorno triunfal da DC com o herói perfeito. Tangerina, 2025. Disponível em: https://tangerina.uol.com.br/filmes-series/critica-de-superman-retorno-da-dc/. Acesso em: 21 jul. 2025.

COLETTI, Caio. Superman quer blockbusters vibrantes de novo - será que dessa vez deixaremos? Omelete, 2025. Disponível em: https://www.omelete.com.br/filmes/superman-opiniao-blockbuster-speed-racer. Acesso em: 19 jul. 2025.

COYLE, Jake. 'Superman' and DC Studios fly to a $122 million opening. AP News, 14 jul. 2025. Disponível em: https://apnews.com/article/superman-box-office-dc-james-gunn-e66bcc163a8aebf01a25a8b2e7dc08f4#:~:text=%E2%80%9CSuperman%E2%80%9D%20%20opened%20with%20%24122,according%20to%20studio%20estimates%20Sunday. Acesso em: 19 jul. 2025.

CUNHA, Gladson. Por uma nova esperança: Uma resenha de O Espírito da Esperança de Byung-Chul Han. Sofia, v. 14, n. 2, p. e14248836-e14248836, 2025.

CURTIS, Neal. Superheroes and the Contradiction of Sovereignty. Journal of Graphic Novels and Comics, v. 4, n. 2, p. 209-222, 2013.

DA SILVA, Marcelo Travassos; ACIOLI, Moab Duarte. Análise crítica de Superman: entre quadrinhos, discurso e mudança social. OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA, v. 21, n. 9, p. 13605-13623, 2023.

DOMECQ, Martin. Sobre a noção de transparência em Byung-Chul Han e a defesa de nossa desacreditada opacidade. Griot: Revista de Filosofia, v. 20, n. 3, p. 342-361, 2020.

FRIESEN, Hunter. Review: James Gunn's Superman reignites hope, but spreads itself too thin. Woodbury News Net, 08 jul. 2025. Disponível em: https://woodburynewsnet.org/4282/life/james-gunns-superman-reignites-hope-but-spreads-itself-too-thin/. Acesso em: 19 jul. 2025.

FRUNZA, Cristina-Delia. Superman. A Hero of the Culture Industry. Perspective Politice, v. 12, p. 35, 2019.

GUNN, James. [Declarações em coletiva sobre tom otimista e bondade de Superman]. In: WATSON, Sian; AMBRIZ, Leslie. James Gunn wants 'Superman' to bring optimism… AP News, 10 jul. 2025. Disponível em: https://apnews.com/article/superman-dc-james-gunn-5c1a8e14dddf2b7ce559d61a4f8762a6#:~:text=For%20actor%20Wendell%20Pierce%2C%20who,the%20power%20to%20create%20change. Acesso em: 19 jul. 2025.

HAN, Byung-Chul. A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. A sociedade da transparência. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. A sociedade do cansaço. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. Infocracia: digitalização e a crise da democracia. Editora Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente. Petrópolis: Vozes, 2020.

HAN, Byung-Chul. O espírito da esperança – contra a sociedade do medo. Petrópolis: Vozes, 2024.

HAN, Byung-Chul. Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Petrópolis: Vozes, 2019.

JACOBS, Guilherme. Superman usa herói original para iniciar uma nova era de super-heróis no cinema. Omelete, 12 jul. 2025. Disponível em: https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/superman-2025-james-gunn. Acesso em: 19 jul. 2025.

MAIDANA, Fernando. [Crítica] Superman de James Gunn nos faz acreditar que o homem é capaz de voar… e amar. Legião dos Heróis, 2025. Disponível em: https://www.legiaodosherois.com.br/2025/critica-superman-de-james-gunn-nos-faz-acreditar-que-o-homem-e-capaz-de-voar-e-amar.html. Acesso em: 19 jul. 2025.

MELO, Marco César de Souza. PSICOPOLÍTICA EM BYUNG-CHUL HAN: NOVAS FORMAS DE CONTROLE NA CIVILIZAÇÃO TECNOLÓGICA. Revista Dialectus - Revista de Filosofia, [S. l.], n. 17, p. 68–81, 2020. DOI: 10.30611/2020n17id60608

MICHAELS, Andrew. Film Review | Superman. moment, 16 jul. 2025. Disponível em: https://momentmag.com/film-review-superman/. Acesso em: 21 jul. 2025.

OGANESYAN, Natalie. James Gunn Says 'Superman' Is An "Immigrant" Story About "Basic Human Kindness". Deadline, 2025. Disponível em: https://deadline.com/2025/07/james-gunn-superman-immigrant-american-story-kindness-1236450534/. Acesso em: 21 jul. 2025.

PIERCE, Wendell. [Declarações sobre valores e otimismo em filmes de super-herói]. AP News, 10 jul. 2025. (Entrevista incluída em: WATSON; AMBRIZ. James Gunn wants 'Superman'…). Disponível em: https://apnews.com/article/superman-dc-james-gunn-5c1a8e14dddf2b7ce559d61a4f8762a6#:~:text=For%20actor%20Wendell%20Pierce%2C%20who,the%20power%20to%20create%20change. Acesso em: 19 jul. 2025.

REDDIT. SPOILER Hope core has won.(Superman 2025 spoilers). r/CharacterRant, 11 jul. 2025. Disponível em: https://www.reddit.com/r/CharacterRant/comments/1lxlr82/hope_core_has_wonsuperman_2025_spoilers/#:~:text=late%202010s%20of%20comic%20book,rebellious%20act%20of%20being%20kind. Acesso em: 19 jul. 2025.

RENSBURG, Janse Van. Ceremonial cinema: world-creation and social transformation through film as ritual. 2021. Tese de Doutorado. University of the Free State.

RICK, Kevin. Crítica | Superman (2025) – Com Spoilers O alien que escolheu a humanidade. Plano Crítico, 2025. Disponível em: https://www.planocritico.com/critica-superman-2025-com-spoilers/. Acesso em: 21 jul. 2025.

ROTTEN TOMATOES. Superman (2025) – Tomatometer & Audience Score. RottenTomatoes.com, 2025. Disponível em: https://www.rottentomatoes.com/m/superman_2025. Acesso em: 19 jul. 2025.

STRAWSER, Sebastian. 'Superman' teaser radiates hope and justice for a brighter tomorrow. The Stanford Daily, 16 jan. 2025. Disponível em: https://stanforddaily.com/2025/01/16/superman-teaser-radiates-hope/. Acesso em: 19 jul. 2025.

SUETZL, Wolfgang. Beyond the digital swarm? Byung-Chul Han's critical media pessismism. AoIR Selected Papers of Internet Research, 2017.

SUPERMAN. Direção: James Gunn. Produção: James Gunn; Peter Safran. Intérpretes: David Corenswet; Rachel Brosnahan; Nicholas Hoult; Isabela Merced; Edi Gathegi; Nathan Fillion. Roteiro: James Gunn. Estados Unidos: DC Studios / Warner Bros. Pictures, 2025. Longa-metragem (aprox. 2h+).

TAJIPOUR, Sean. Superman review: James Gunn's bright, bold reboot restores hope to the DCU. Nerdtropolis, 10 jul. 2025. Disponível em: https://nerdtropolis.com/superman-2025-movie-review/. Acesso em: 19 jul. 2025.

TRIPP, Andrew. Can Superhero Films Help You Rethink Liturgy? BU STH Connect, Boston University School of Theology, 1 ago. 2011. Disponível em: https://www.bu.edu/sthconnect/2011/08/01/can-superhero-films-help-you-rethink-liturgy/. Acesso em: 21 jul. 2025.

VILLAÇA, Pablo. Superman. Superman (2025). Cinema em Cena, 2025. Disponível em: https://www.cinemaemcena.com.br/critica/filme/8634/superman. Acesso em: 19 jul. 2025.

WAGSTAFFE, Sarah. " You Need Me to Save You": The Fall of Superman and the Death of the American Dream. REDEN. Revista Española de Estudios Norteamericanos, v. 6, n. 1, p. 132–46-132–46, 2024.

WATSON, Sian; AMBRIZ, Leslie. James Gunn wants ‘Superman’ to bring optimism to a cynical world. AP News, 10 jul. 2025. Disponível em: https://apnews.com/article/superman-dc-james-gunn-5c1a8e14dddf2b7ce559d61a4f8762a6#:~:text=For%20actor%20Wendell%20Pierce%2C%20who,the%20power%20to%20create%20change. Acesso em: 19 jul. 2025.

WELDON, Glen. James Gunn's 'Superman' movie is corny. Which is why it gets Superman right. NPR, 10 jul. 2025. Disponível em: https://www.npr.org/2025/07/10/nx-s1-5453867/superman-review. Acesso em: 21 jul. 2025.

WIKIPEDIA. Superman logo. Wikipédia: a enciclopédia livre, 2025. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Superman_logo#:~:text=In%202004%2C%20Mark%20Waid%20%27s,the%202017%20film%20Justice%20League. Acesso em: 19 jul. 2025.

WILKINSON, Alissa. ‘Superman’ Review: It’s a Bird, It’s a Plane, It’s a Reboot! The New York Times, 8 jul. 2025. Disponível em: https://www.nytimes.com/2025/07/08/movies/superman-review.html. Acesso em: 21 jul. 2025.